

Marco Antônio Oliveira Lima

Doutor (2024) em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7752895214628813>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0615-6271>

E-mail: marcobasquetebol@gmail.com.

A obra de Estelamaris Brant Scarel¹ (2024) está dividida em três capítulos e primeiramente, de forma geral, discute acerca da cisão entre o sujeito e o objeto. Em um segundo momento trata do capitalismo, principalmente da Indústria Cultural e das influências ideológicas desse sistema sobre a educação. Já em seu terceiro e último ato reflete a respeito de uma educação que provoque a autorreflexão crítica. Destarte, fundamentada na dialética negativa adorniana, a obra chama a atenção para a necessária retomada da tensão entre o sujeito e o objeto com vistas a resistir a barbárie. Portanto, é decisivo que a formação (*Bildung*) não se exima desse processo crucial para impedir a autodestruição da humanidade.

Assim, especificamente no primeiro capítulo, intitulado “Sobre os Fundamentos da Dialética Negativa”, a autora realizou importante discussão, por meio de uma perspectiva negativa, ou dito de outra forma, da *Dialética Negativa* (Adorno, 2009)², a respeito dos processos epistemológicos que, a partir do tenso movimento da história³, teve como resultado a cisão entre o sujeito e o objeto. Tal fato, como apresentado no livro, teve suas origens nos gregos, passando pelo platonismo e desembocando nas filosofias modernas⁴, dentre elas, na filosofia heideggeriana⁵. Então, Scarel (2024, p. 49-50), a partir do embasamento teórico adorniano, diz que:

¹ Estelamaris Brant Scarel é docente do curso de Graduação em Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, ambos na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

² “A expressão ‘dialética negativa’ subverte a tradição. Já em Platão, ‘dialética’ procura fazer com que algo positivo se estabeleça por meio do pensamento da negação; mais tarde, a figura de uma negação da negação denominou exatamente isso. [...] gostaria de libertar a dialética de tal natureza afirmativa, sem perder nada em determinação” (Adorno, 2009, p. 7; grifos no original).

³ Conforme o paradigma historiográfico de Benjamin (1996, p. 225), é atribuído ao materialista histórico a atividade de “[...] escovar a história a contrapelo”.

⁴ “No sentido histórico em que essa palavra é hoje empregada habitualmente, em que se fala de ‘filosofia moderna’ [...] indica o período da história ocidental que começa depois do Renascimento, a partir do séc. XVII. Do período M. costuma-se distinguir frequentemente o ‘contemporâneo’, que compreende os últimos decênios” (Abbagnano, 2007, p. 679; grifos no original).

⁵ Cabe destacar a crítica de Adorno (1969) a Heidegger (1889-1976) no que tange à sua aproximação ao partido nazista alemão. Veja-se: “O acatamento prestado por Heidegger ao estado de Hitler, o Führer, não foi um ato de oportunismo, porém derivava de uma filosofia que identificava ser e Führer” (Adorno apud Scarel, 2024, p. 52).

[...] a ontologia, a partir de Heidegger, somente problematiza o Ser ou, então, o seu significado, no instante em que este Ser já não mais existe. [...] Para Adorno, Heidegger procura obscurecer a lógica dialética, pois, desconsidera que a história perpassa tanto pelo sujeito como pelo objeto, por conseguinte, resultando numa lógica incoerente ou, de outra forma, ambígua.

No que tange ao segundo capítulo, designado “Aspectos Sócio-históricos em Educação e Teoria Crítica”, destaca-se que ele foi constituído a partir das discussões que demarcaram as contradições envolvendo o capitalismo e a sociedade industrial e os seus desdobramentos, dentre eles a maquinaria ideológica¹ da Indústria Cultural, que recaiu diretamente sobre a educação e, conseqüentemente, sobre a formação dos sujeitos. Sob esse paradigma, a autora constatou que a educação moderna foi edificada a partir de uma pedagogia unilateral, que instrumentalizou o pensamento, por conseguinte, destruindo sua capacidade de promover a autorreflexão crítica. Então, Scarel (2024, p. 119), ancorada em (Chauí, 2014), afirma que

[...] hoje, a realidade educacional, evidentemente, com algumas exceções, tem demonstrado uma tendência cada vez mais propensa aos ‘verbalismos’ e às generalidades do que à produção de conhecimentos sustentados pela pesquisa consequente, original, ou seja, um trabalho investigativo com vistas à genuína e independente apreensão do objeto de estudo, buscando, assim, não só compreender, mas sobretudo realizar experiências que, de fato, vinculem pensamento e realidade.

Por fim, no terceiro e último capítulo, denominado “Teoria Crítica da Sociedade, Espírito Crítico e Educação”, a autora, após realizar o diagnóstico da cisão epistemológica entre o sujeito e o objeto e das implicações desse controverso processo histórico sobre a realidade sócio-histórica, marxianamente expressando, estabeleceu pertinente reflexão, de viés negativo (Adorno, 2009), que perpassou pela necessária materialização de outro paradigma educacional e formativo, cuja pedagogia fundamentou-se em uma proposta capaz de estimular a autonomia de pensamento, a autorreflexão crítica, o esclarecimento² e a emancipação. Portanto, Scarel (2024, p. 162-163) fundamentada teoricamente em Kant (2012), considera que:

[...] a Educação deve estender-se para além da formação específica, isto é, ela necessita orientar-se sobretudo por princípios originários da razão, mas não só isso, ela, simultaneamente, precisa ancorar-se nas mais variadas formas de manifestação criativa como, por exemplo, a música, o teatro, a pintura, a literatura, a escultura, e outras expressões estéticas que possibilitem ao homem o exercício da sua liberdade, da sua cultura, enfim, da sua autonomia, sob pena de, sem ela, o homem não se esclarecer. Esse, na perspectiva kantiana, é o sentido amplo da Educação. Relegar esta arte ao segundo plano, ou, então, desconsiderá-la na sua profundidade e alcance, seria o mesmo que extrair toda a força que lhe é inerente, que consiste na capacidade de ela, enquanto propulsora da humanização, formar homens autônomos e emancipados.

1 “A ideologia contemporânea é o estado de conscientização e de não-conscientização das massas como espírito objetivo, e não só os mesquinhos produtos que imitam esse estado e o repetem, para pior, com a finalidade de assegurar a sua reprodução. A ideologia, em sentido estrito, dá-se onde regem relações de poder que não são intrinsecamente transparentes, mediatas e, nesse sentido, até atenuadas” (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 193).

2 Para Kant (2005, p. 63-64), o esclarecimento é: “[...] a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. [...] Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung]”.

Pela síntese exposta, pode-se afirmar que o livro apresenta tessituras cujas elaborações textuais, fundamentadas na Teoria Crítica frankfurtiana, especificamente na *Dialética Negativa* de Adorno (2009), são capazes de expressar inconformismo e resistência contra a sociedade industrial, que exala a instrumentalização do mundo unidimensional, segundo Marcuse (1969), sobre os sujeitos em suas relações com a natureza e com os indivíduos, bem como sobre as suas instituições sociais tais como a escola, responsável por (de)formar os estudantes.

Ainda sobre o aspecto textual da obra, destaca-se que a autora utilizou de recursos gramaticais permeados pela crítica filosófica, comunicando-se por intermédio de uma linguagem que apresentou o conteúdo do livro de forma objetiva, demonstrando precisão, coerência, clareza e conjugação verbal pertinente ao rigor acadêmico da gramática e da norma culta da língua portuguesa.

A própria autora, em outra publicação (Scarel, 2012), ressaltou que a escrita acadêmico-científica precisa ter condições textuais de apresentar o conteúdo, ao qual se pretende transmitir, de maneira a possibilitar a compreensão e o entendimento por parte do receptor ao qual se destina o texto, nesse caso o leitor. Nesse sentido, Scarel (2012, p. 9) destaca um importante ponto a respeito do texto científico³. Veja-se:

É importante o uso de vocabulário adequado e de frases curtas, sem verbosidade, tendo-se como objetivo facilitar a leitura e prender a atenção do leitor. Os problemas e hipóteses devem ser formulados com propriedade evitando-se expressões com duplo sentido, palavras supérfluas, repetições e detalhes prolixos que dificultam o entendimento do assunto.

Cabe reiterar, também, que a autora não só realizou o diagnóstico acerca da cisão entre o sujeito e o objeto, no movimento da história da filosofia, de Platão à Heidegger, e, além disso, destacou as consequências desse processo no percurso da sua obra. Ou seja, em todo o livro, para além da constatação dos danos ocasionados pela separação entre o sujeito e o objeto, a partir da *Dialética Negativa* (Adorno, 2009), há também uma denúncia crítica que possibilita ao leitor identificar os malefícios ocasionados por tal cisão à vida dos indivíduos⁴ em suas inúmeras dimensões que perpassam pelo campo histórico, cultural, social, político, econômico, ético, estético, psicológico, etc. Nesses termos, é pertinente a problematização de Adorno (1995), a respeito da cisão que, além do sujeito e do objeto, separou também o universal e o particular, o indivíduo e a

³ Ainda que a obra resenhada, de autoria de Scarel (2024), seja escrita seguindo a perspectiva ensaística da Teoria Crítica frankfurtiana, mais especificamente a forma de ensaio adorniana, o que a difere não apenas em estilo estético, mas também em forma e em conteúdo do texto científico, sendo, inclusive, a sua antítese filosófica – “O conformismo do pensamento, a insistência em que isto constitua uma atividade fixa, um reino à parte dentro da totalidade social, faz com que o pensamento abandone a sua própria essência” (Horkheimer, 1989, p. 68) – ressalta-se que as reflexões de Scarel (2012) acerca do texto acadêmico são pertinentes ao processo de escrita, tendo em vista a composição de um texto que seja capaz de comunicar o conteúdo escrito em suas páginas aos leitores. “O ensaio reflete o amado e o odiado, ao invés de conceber o espírito como uma criação a partir do nada, segundo o modelo de uma ilimitada moral do trabalho. O álgico e o lúdico são-lhe essenciais. Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo de que quer falar; diz o que lhe ocorre, termina onde ele mesmo acha que acabou e não onde nada mais resta a dizer: assim ele se insere entre os despropósitos. Seus conceitos não se constroem a partir de algo primeiro nem se fecham em algo último” (Adorno, 1986, p. 168).

⁴ “A definição do homem como pessoa implica que, no âmbito das condições sociais em que vive e antes de ter consciência de si, o homem deve sempre representar determinados papéis como semelhante de outros. Em consequência desses papéis e em relação com os seus semelhantes, ele é o que é: filho de uma mãe, aluno de um professor, membro de uma tribo, praticante de uma profissão. Assim, essas relações não são, para ele, algo extrínseco, mas relações em que se determina a seu próprio respeito, como filho, aluno ou o que for. Quem quisesse prescindir desse caráter funcional da pessoa, para procurar em cada um o seu significado único e absoluto, não conseguiria chegar ao indivíduo [...], em sua singularidade indefinível, mas apenas a um ponto de referência sumamente abstrato que, por seu turno, adquiriria significado em relação ao contexto social, entendido como princípio abstrato da unidade da sociedade. Inclusivamente, a pessoa é, como entidade biográfica, uma categoria social. Ela só se define em sua correlação vital com outras pessoas, o que constitui, precisamente, o seu caráter social. A sua vida só adquire sentido nessa correlação, em condições sociais específicas; e só em relação ao contexto é que a máscara social do personagem também é um indivíduo” (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 48).

sociedade⁵, acabando com toda e qualquer forma de tensionamento entre esses pares dialéticos. Diz o filósofo:

A separação entre sujeito e objeto é real e aparente: verdadeira, porque no domínio do conhecimento da separação real consegue sempre expressar o cindido da condição humana, algo que surgiu pela força; falsa, porque a separação que veio a ocorrer não pode ser hipostasiada nem transformada em invariante [...] É verdade que não se pode prescindir de pensá-los como separados; mas o *psêvdos* (a falsidade) da separação manifesta-se em que ambos encontram-se mediados reciprocamente: o objeto, mediante o sujeito, e, mais ainda e de outro modo, o sujeito, mediante o objeto. A separação torna-se ideologia, exatamente sua forma habitual, assim que é fixada sem mediação. [...] Uma vez radicalmente separado do objeto, o sujeito já reduz este a si; o sujeito devora o objeto ao esquecer o quanto ele mesmo é objeto (Adorno, 1995, p. 182-183).

Para além da denúncia, observou-se também um provável anúncio efetuado pela autora acerca da viabilidade do inconformismo e da resistência, materializados na dialética negativa adorniana, uma vez que a mesma apresenta a possibilidade da inflexão em direção ao indivíduo em contraposição à cisão que está posta historicamente. Nessa perspectiva negativa, a obra objetiva acessar as possíveis brechas que se constituem nas contradições do *status quo*, logo, na racionalidade técnica que instrumentalizou a educação, uniformizou o pensamento, danificou a formação (*Bildung*) e moldou a objetividade e a subjetividade dos indivíduos, transformando-os em massa⁶. Esta inflexão, acredita-se, é fundamental para restabelecer a tensão entre os pares dialéticos – o universal e o particular, o indivíduo e a sociedade, a teoria e a *práxis*, o sujeito e o objeto – tendo-se em vista impedir que o mundo, a vida e a existência esgotem-se em puro barbarismo⁷. E, para tanto, é ressaltado na obra que a educação e a formação (*Bildung*) emancipatórias, portanto, que promovam a autorreflexão crítica não poderão se isentar e se eximir dessa decisiva e árdua tarefa visando à sobrevivência da humanidade, conforme a perspectiva adorniana.

Sob o olhar dos argumentos apresentados acima, destaca-se que a obra resenhada é indicada para todos os leitores que pretendam iniciar ou aprofundar nos estudos teóricos e acadêmicos nos campos da Filosofia, da História, da Psicologia e da Sociologia da Educação em geral, mas, sobretudo, especificamente no que tange às discussões que envolvem os pensadores da Teoria Crítica frankfurtiana e suas reflexões críticas que abarcam os elementos históricos, culturais, sociais, políticos, filosóficos, econômicos, éticos, estéticos, psicológicos, etc., que se materializam na modernidade das sociedades industriais, marcadas pela ideologia da Indústria Cultural.

5 “No seu mais importante sentido, entendemos por ‘sociedade’ uma espécie de textura formada entre todos os homens e na qual uns dependem dos outros, sem exceção; na qual o todo só pode subsistir em virtude da unidade das funções assumidas pelos co-participantes, a cada um dos quais se atribui, em princípio, uma tarefa funcional; e onde todos os indivíduos, por seu turno, estão condicionados, em grande parte, pela sua participação no contexto geral. Assim, o conceito de sociedade define mais as relações entre os elementos componentes e as leis subjacentes nessas relações do que, propriamente, os elementos e suas descrições comuns” (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 25-26; grifo no original).

6 “A massa é um produto social – não uma constante natural; um amálgama obtido com o aproveitamento racional dos fatores psicológicos irracionais e não uma comunidade originalmente próxima do indivíduo; proporciona aos indivíduos uma ilusão de proximidade e de união. Ora, essa ilusão pressupõe, justamente, a atomização, a alienação e a impotência individual” (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 87).

7 “Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribuiu para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza” (Adorno, 2012, p. 155).

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bossi, Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (digitalizado).
- ADORNO, Theodor W. **Theodor W. Adorno: sociologia**. In: COHN, Gabriel (Org.). São Paulo: Ática, 1986.
- ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 7 reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos da sociologia**. Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 10. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras Escolhidas; v. 1).
- CHAUÍ, Marilena. Ideologia neoliberal e universidade. In: CHAUÍ, Marilena. A ideologia da competência. Org. André Rocha. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014. (Escritos de Marilena Chauí, v. 3).
- HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. In: HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. Trad. Zeljko Loparic; et al. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 31-68. (Os Pensadores).
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é esclarecimento (*Aufklärung*)? In: KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 63-71.
- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Trad. João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2012. (Coleção Textos Filosóficos).
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Trad. Giasone Rebuá. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- SCAREL, Estelamaris Brant. **Normas e textos acadêmicos e científicos**. Goiânia, 2012. 109p. (digitalizado).
- SCAREL, Estelamaris Brant. **Adorno, o potencial formativo e a dialética negativa: atualidade**. Goiânia: PUC Goiás, 2024. 189 p.

Recebido em 15 de novembro de 2025
Aceito em 23 de fevereiro de 2026